

O PATRICIADO URBANO NA RECENTE HISTORIOGRAFIA ALEMÃ

Por Pedro de Brito

Introdução

A esmagadora maioria dos historiadores portugueses contemporâneos tem andado arredada da historiografia alemã. Salvo os casos de Virgínia Rau, que nos arquivos alemães passou algum tempo, e mais recentemente de Oliveira Marques, cujo tema da tese de doutoramento¹ o fez percorrer e inclusive catalogar fundos de arquivos alemães importantes para a história portuguesa², não conhecemos outros que se tenham apoiado na investigação alemã. É sabido o peso da recente historiografia francesa em Portugal — esse tipo de influência tem sido de resto uma constante de certos períodos da nossa história cultural, e tem contribuído para ofuscar outras influências que nos seriam porventura úteis. Quanto à historiografia alemã nem sempre foi assim: estão certamente na memória de muitos, abundantes notas de pé de página da História de Portugal de Herculano — a historiografia portuguesa oitocentista soube bem apoiar-se na alemã.

¹ MARQUES, A.H. de Oliveira — *Hansa e Portugal na Idade Média*, Lisboa, 1959.

² Idem — *Documentação sobre Portugal em arquivos hanseáticos alemães in Portugal Quinhentista*, Lisboa, 1987.

Por outro lado, muitos portugueses ainda vivos utilizaram como manual uma História de Portugal escrita por um alemão³.

Mas o autor destas linhas, ao iniciar a investigação que conduziu à sua dissertação de mestrado⁴, seguiu também a presente tendência académica e foi, na ausência de estudos portugueses semelhantes, procurar na historiografia francesa paradigmas para o seu trabalho, no que não teve grande sucesso — só curtos capítulos, pouco informativos, tais como o da clássica monografia de Pierre Goubert⁵. Procurou depois nas historiografias de língua espanhola⁶ e italiana, e também na anglo-saxónica, mas não foi mais feliz em obras referentes ao século XVI. Teve assim de desenvolver uma metodologia de investigação e uma estrutura de trabalho próprias.

Tendo-se no entanto deslocado a Nuremberga já depois de redigida e entregue para prestação de provas a sua tese, teve ocasião de, em conversa pessoal com o Prof. Dr. Rolf Walter, assistente e colaborador do recentemente falecido Prof. Kellenbenz, obter referências sobre a intensiva investigação que, sobretudo depois da guerra, se tem feito na área da história urbana e social, muito especificamente sobre o patriciado. Porque ela é provavelmente desconhecida da maioria dos estudiosos portugueses parece-nos útil divulgá-la.

1 — Estudo das élites

O Institut zur Erforschung historischer Führungsschichten em Bensheim, alguns quilómetros a sul de Frankfurt a.M., dedica-se, como o nome indica, à investigação histórica dos grupos sociais dominantes. Promoveu a partir de 1963 colóquios para fazer o ponto da situação desse tipo de investigação, cujas actas tem publicado: assim em 1963/4, dois sobre a nobreza⁷, em 1965, um sobre o patriciado⁸; em 1966, sobre

³ SCHAEFER, Heinrich — *História de Portugal*, ed. portuguesa com tradução e continuação de José Pereira de Sampaio (Bruno), 7 vols., Lisboa, 1897-1926.

⁴ BRITO, A.P. da C.M., *Patriciado urbano quinhentista: as famílias dominantes do Porto 1500-1580*, (dissertação de mestrado policopiada), Faculdade de Letras do Porto, 1991.

⁵ GOUBERT, Pierre — *Cent mille provinciaux au XVII^e siècle — Beauvais et le Beauvaisis de 1600 à 1730*, Paris, 1977.

⁶ MOLAS, Pere — *La burguesia mercantil en la España del antiguo regimen*, Madrid, 1985 — Esta obra refere a bibliografia da área editada até à data da publicação.

⁷ *Deutscher Adel 1430-1555*, Limburg/Lahn, 1963.

Deutscher Adel 1555-1740, Limburg/Lahn, 1964.

⁸ ROESSLER, Hellmut (ed.) — *Deutsches Patriziat 1430-1740*, Limburg/Lahn, 1968.

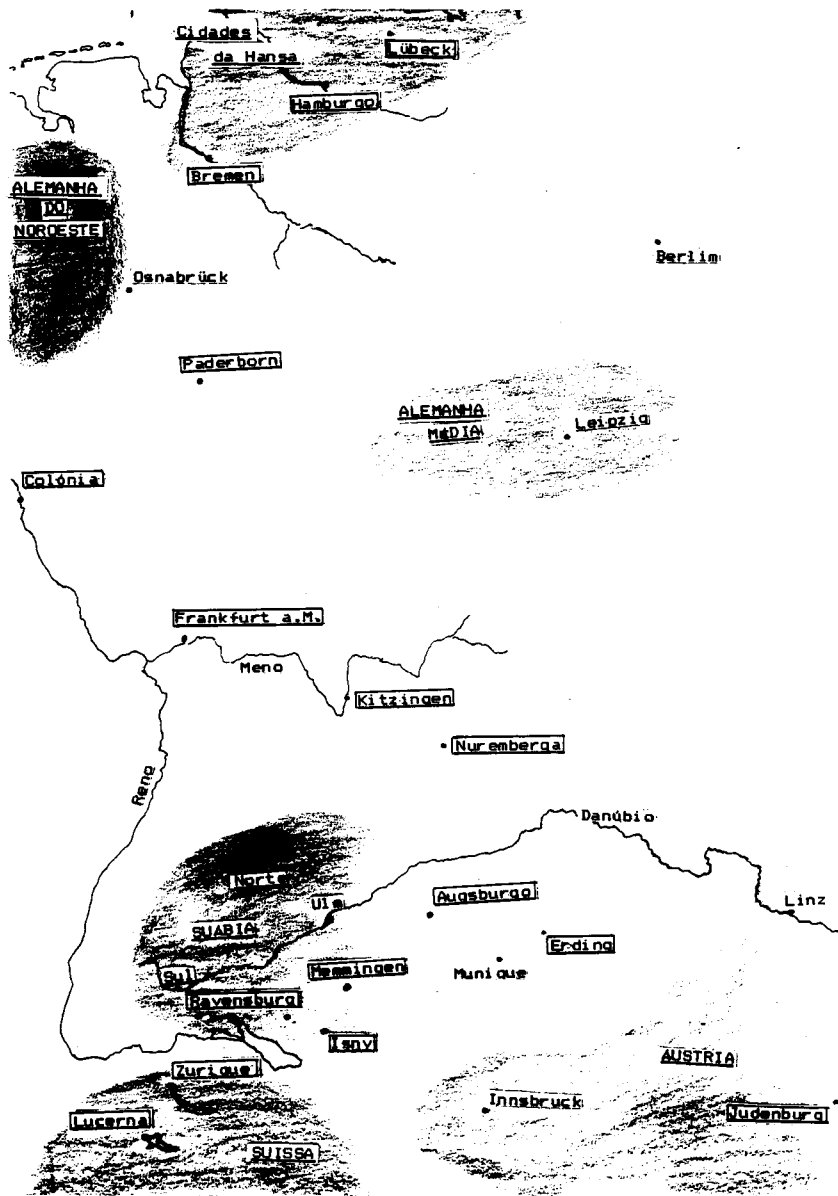


Fig. 1 — Cidades e Regiões de Língua Alemã

universidades e quadros académicos⁹; em 1967, sobre clérigos e funcionários¹⁰; em 1965/77, sobre forças dominantes da economia¹¹; em 1971/72, sobre o campesinato¹²; em 1973/75, sobre forças e grupos dominantes do movimento operário alemão¹³; em 1976, sobre banqueiros¹⁴; em 1977, sobre o corpo de oficiais alemães nos últimos 100 anos; em 1978, um balanço por épocas do trabalho anteriormente realizado¹⁵.

Vários outros trabalhos de carácter geral foram além disso publicados sobre o estudo dos patriciados urbanos¹⁶ e nas últimas duas décadas têm-se multiplicado as monografias sobre este tema. No mapa anexo indicamos a localização na área de língua alemã das cidades para as quais referenciamos trabalhos recentes: deslocando-nos de Norte para Sul temos assim para as da Hansa¹⁷, para as do Noroeste Alemão¹⁸, para Paderborn¹⁹, para Colónia²⁰, para Frankfurt²¹, para as da Alemanha

⁹ *Universitaet und Gelehrtenstand 1400-1800*, Limburg/Lahn, 1966.

¹⁰ *Beamtenum und Pfarrerstand 1400-1800*, Limburg/Lahn, 1967.

¹¹ HELBIG, Hans, *Führungskraefte der Wirtschaft in Mittelalter und Neuzeit 1350-1850*, Limburg/Lahn, 1965/73.

Führungskraefte der Wirtschaft im neunzehnten Jahrhundert 1790-1914, Limburg/Lahn, 1977.

¹² *Bauernschaft und Bauernstand 1500-1970*, Limburg/Lahn, 1972.

¹³ *Führende Kraefte und Gruppen in der deutschen Arbeiterbewegung*, Limburg/Lahn, 1975.

¹⁴ *Bankherren und Bankiers*, Limburg/Lahn, 1976.

¹⁵ HOFMANN, Hans Hubert/Franz, Günther (Hrsg.) — *Deutsche Führungsschichten in der Neuzeit. Eine Zwischenbilanz*, Boppard 1980.

¹⁶ BATORI, I. — *Das Patriziat der deutschen Stadt* in «Zeitschrift für Stadtgeschichte und Stadtsoziologie» 2, 1975, pp. 1-30.

HAUPTMEYER, C.-H. — *Probleme des Patriziats oberdeutscher Staedte vom 14. bis zum 16. Jahrhundert* in «Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte» 40, 1977, pp. 37-56.

Idem — *Vor- und Frühformen des Patriziats mitteleuropaeischer Staedte. Theorien zur Patriziatentstehung* in «Die alte Stadt» 6, 1979, pp. 1-20.

MIECK, Ilja (ed.) — *Soziale Schichtung und soziale Mobilitaet*, Berlin 1984.

¹⁷ EHBRECHT, W. — *Bürgertum und Obrigkeit in den hansischen Staedten des Spaetmittelalters* in W. RAUSCH (ed.) *Die Stadt am Ausgang des Mittelalters. Beitrage zur Geschichte der Staedte Mitteleuropas*, 1974, pp. 275-302.

¹⁸ SCHILLING, H. — *Die politische Elite nordwestdeutscher Staedte in den religioesen Auseinandersetzungen des 16. Jahrhunderts* in W. J. Mommsen (ed.) *Stadtbürgertum und Adel in der Reformation*, Stuttgart 1979.

¹⁹ DECKER, R. — *Bürgermeister und Ratsherren in Paderborn vom 13. bis zum 17. Jahrhundert. Untersuchungen sur Zusammensetzung einer staedtischen Oberschicht*, Paderborn 1977.

²⁰ HERBORN, H. — *Die politische Führungsschicht der Stadt Koeln im Spaetmittelalter*, Bonn 1977.

²¹ KOERNER, H. — *Frankfurter Patrizier. Histor. — genealogisches Handbuch der adeligen Ganerbschaft des Hauses Alten — Limpurg zu Frankfurt am Main*, 1971.

Média²², para Kitzingen²³, para Nuremberga²⁴, Augsburg²⁵, Erding²⁶, cidades do norte²⁷ e do sul da Suábia²⁸, Memmingen²⁹, Isny³⁰, Ravensburg³¹, Zurique³², Lucerna³³ e Judenburg³⁴.

Como se pode ver, estes trabalhos correspondem geograficamente a cidades da Alemanha Ocidental, Suíça e Alta Áustria. Compreende-se

²² KRAMM, H. — *Studien über die Oberschichten der mitteldeutschen Staedte im 16. Jahrhundert*, 2 vol., Koeln 1981.

²³ BATORI, I./WEYRAUCH, E. — *Die bürgerliche Elite der Stadt Kitzingen. Studien zur Sozial — und Wirtschaftsgeschichte einer landesherrlichen Stadt im 16. Jahrhundert* (Spaetmittelalter und frühe Neuzeit 11), Stuttgart 1982.

²⁴ PFEIFFER, G. — *Nürnberger Patriziat und fraenkische Reichsritterschaft in Norica, Festschrift F. Bock*, 1961, pp. 35-55.

HOFMANN, H.H. — *Nobiles Norimbergenses* in «Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte» 28, 1965, pp. 124-150.

²⁵ KIESSLING, R. — *Bürgerliche Gesellschaft und Kirche in Augsburg im Spaetmittelalter*, 1971.

SIEH-BURENS, K. — *Oligarchie, Konfession und Politik im 16. Jahrhundert. Zur sozialen Verflechtung der Augsburger Bürgermeister und Stadtpfleger 1518-1618* München 1986.

²⁶ PRESS, V. — *Konflikte zwischen Rat und Bürgerschaft in einer altbayerischen Landstadt in Stadt Erding*, 1978, pp. 153-164.

²⁷ RABE, H. — *Der Rat der niederschwaebischen Reichsstaedte, rechtsgeschichtliche Untersuchungen über die Reichstaedte Niederschwabens bis zum Ausgang der Zunftverfassungen*, 1966.

²⁸ EITEL, P. — *Die oberschwaebischen Reichsstaedte im Zeitalter der Zunfttherrschaft. Untersuchungen zu ihrer politischen und sozialen Struktur unter besonderer Berücksichtigung der Staedte Lindau, Memmingen, Ravensburg und Überlingen*, 1970.

²⁹ EIRICH, Raimund — *Memmingens Wirtschaft und Patriziat 1347-1551*, Weissenhorn 1971.

³⁰ HAUPTMEYER, C.-H. — *Verfassung und Herrschaft in Isny. Untersuchungen zur reichstaedtischen Rechts —, Verfassungs — und Sozialgeschichte, vornehmlich in der frühen Neuzeit*, Goepfingen 1976.

³¹ DREHER, A. — *Das Patriziat der Reichstadt Ravensburg. Von den Anfaengen bis zum Beginn des 19. Jahrhunderts*.

SCHÜTZE, Wolfgang — *Oligarchische Verflechtung und Konfession in der Reichstadt Ravensburg 1551/52-1648. Untersuchungen zur sozialen Verflechtung der politischen Führungsschichten*, (Tese de doutoramento policopiada), Augsburg 1981.

³² JACOB, W. — *Politische Führungsschichte und Reformation. Untersuchungen zur Reformation in Zürich 1519-1528*, Zürich 1970.

³³ KURMANN, J. — *Die politische Führungsschicht in Luzern 1450-1500*, Luzern 1976.

MESSMER, K./HOPPE, P. — *Luzerner Patriziat. Sozial — und wirtschaftsgeschichtliche Studien zur Entstehung und Entwicklung im 16. und 17. Jahrhundert*, Luzern-München 1976.

³⁴ FELSER, R. — *Herkunft und soziale Schichtung der Bürgerschaft oberoesterreichischer Staedte und Maerkte waehrend des Mittelalters unter besonderer Beruecksichtigung der Bürger der Stadt Judenburg*, Wien 1977.

bem que o estudo de elites burguesas não estivesse propriamente nas primeiras prioridades da historiografia da ex-República Democrática Alemã. É natural que, se o estado de organização actual dos arquivos na ex-RDA, e nas áreas de língua alemã da Polónia e da Rússia (Kalinine, ex-Koenigsberg), o permitir, possamos também beneficiar para lá de trabalhos semelhantes.

2 — Problemática

2.1 *Desenvolvimento do capitalismo na Alemanha do Sul*

Quanto à problemática por trás desta área de investigação, encontramos-a de vários tipos. Em meados do século XIV, as corporações de ofícios parecem ter conseguido afirmar-se politicamente nas cidades imperiais, ou seja, naquelas cujo senhorio directo era o Imperador. Passam a participar activamente no governo das cidades, arrancando ao patriciado a exclusividade do poder político urbano. É o período da *Zunftverfassung* (que traduziremos grosseiramente por Foral Corporativo); esse período durará dois séculos, até meados do XVI, altura em que o poder regressará de novo ao patriciado por intermédio de novos forais concedidos por Carlos V. Segundo Eirich³⁵, o relativo afastamento do poder político urbano, fará com que o patriciado se dedique mais intensamente aos negócios, sendo assim uma das origens remotas do capitalismo alemão meridional da segunda metade do século XVI, que serviu de suporte financeiro à política expansionista de Carlos V e Filipe II. De facto é em Memmingen que tem origem a sociedade dos Voehlin que, ligados aos Imhof³⁶ e aos Welser, constituíram a sociedade que gerou os fundos bancários depois utilizados por estes últimos.

2.2 *O patriciado como instrumento da penetração urbana da reforma*

Mas a mais importante problemática para a maioria destes estudos é a da penetração urbana da Reforma, e a tentativa de determinar qual a

³⁵ EIRICH — *O.c.*, p. 117.

³⁶ Há que recordar a importante actividade desenvolvida também em Lisboa pela sucursal dos Imhof. Vide as rúbricas *Imhof* e *Welser*, da autoria de H. Kellenbenz in *Dicionário de História de Portugal*, dir. por Joel Serrão, 1.º ed., Lisboa, 1968-1971, resp. V. II, pp. 469/70 e V. IV, pp. 348/9.

importância como instrumento ou obstáculo a essa penetração, do patriariado alemão. Por esse motivo se concentram eles no período que grosseiramente vai de 1450 até 1618, início da Guerra dos Trinta Anos. Assim dirige o Professor Hans-Christoph Rublack na Universidade de Tübingen, uma secção da Área Especial de Investigação 8 — «Baixa Idade Média e Reforma», financiada pela DFG — Deutsche Forschungsgemeinschaft. Trata-se da secção «A cidade da Baixa Idade Média e a Reforma na Alemanha», que por sua vez tem uma sub-divisão: «A estratificação social nas cidades». Comparam-se várias cidades de diferente estrutura (cidades imperiais, cidades senhoriais, ...) e dimensão: grandes (Augsburgo), médias (Colmar, Noerdlingen, Eger, Kitzingen) e pequenas (Mindelheim, Buchau, Wunsiedel)³⁷. O já mencionado trabalho sobre Kitzingen é o primeiro a ser publicado.

Outra área de investigação financiada pela DFG designou-se por «Problemas da história social e constitucional do Santo Império Romano Germânico na Baixa Idade Média — Alta Idade Moderna», com uma secção intitulada «Entrelaçamento oligárquico e confissão religiosa», e foi dirigido pelo Professor Wolfgang Reinhard na Universidade de Augsburg. Ambos estes esforços de investigação parecem sobrepor-se nos objectivos, usando embora de metodologias diversas de investigação e estrutura de trabalho.

3 — Metodologia

3.1 Prosopográfica

Em Tübingen o método usado foi o prosopográfico, enaltecido por Laurence Stone num artigo assim designado (Prosopography). Trata-se, como é sabido, da elaboração de fichas biográficas sintéticas e normalizadas, de personalidades, permitindo fácil informatização em base de dados; é conhecido entre nós, tendo sido muito apropriadamente utilizado por Adelaide Millan da Costa na sua tese de mestrado, para os vereadores do Porto no fim do século XV³⁸. A obra de Brady³⁹ sobre a oligarquia de Estrasburgo entre 1520-1550 tem sido considerada por estes historiadores

³⁷ RUBLACK, H.-C. — *Vorwort* in BATORI, Ingrid/WEYRAUCH, Erdmann, op. cit.

³⁸ COSTA, M.A.P.M. da — «VEREAÇÃO» E «VEREADORES»: *O governo do Porto em finais do século XV*, (Tese de mestrado policopiada), Porto, 1989.

³⁹ BRADY, T.A. Jr. — *Ruling Class, Regime and Reformation at Strasbourg 1520--1555*, Leiden 1978.

alemães como paradigmática deste tipo de metodologia. Em Tübingen foi já editado o citado trabalho sobre Kitzingen, dos Doutores Weyrauch e Ingrid Batori, mas outros também atrás citados seguem o mesmo método — o de Jacob, sobre Zurique, o de Kurman, sobre Lucerna e o de Felser, sobre Judenburg. Sobre os resultados que se podem obter da sua utilização relata Ingrid Batori noutro seu trabalho⁴⁰. No entanto parece este método dar maior preferência à actividade de personalidades individuais dominantes, que à das famílias.

3.2 *De entrelaçamento (Verflechtung), de Wolfgang Reinhard*

Em contrapartida, o método utilizado em Augsburg, prefere a investigação e exposição do relacionamento, incluindo o familiar, à investigação e divulgação de dados individuais. Foi desenvolvido pelo próprio Professor Wolfgang Reinhard, presentemente decano do Departamento de História na Universidade de Freiburg, como reflexão à posteriori sobre a introdução teórica do seu trabalho de agregação àquela universidade, que tinha como objectivo o estudo da Cúria Romana por volta de 1600. Depois de publicado posteriormente⁴¹, foi utilizado em duas teses de doutoramento tendo como temas patriciados urbanos, apresentadas à Universidade de Augsburg, onde o Professor Reinhard leccionava. Trata-se dos trabalhos já atrás citados de Wolfgang Schütze sobre Ravensburg, e de Katarina Sieh-Burens sobre Augsburg. É um método que pode ser aplicado ao estudo de todos os grupos de poder, e assim o foi, de forma curiosa, por Wolfgang Weber⁴² às personalidades marcantes da historiografia alemã desde 1800-1970, procurando investigar se o clientelismo na distribuição das cátedras de História nas universidades alemãs desde o princípio do século XIX, não teria contribuído para uma certa estratificação dessa mesma historiografia.

Reinhard foi à sócio-antropologia anglo-saxónica buscar o conceito de «network», que traduz por «Verflechtung», para o qual poderemos

⁴⁰ BATORI, I. — *Sozioökonomische Untersuchungen in Süddeutschen Staedten des 15. und 16. Jahrhunderts. Programmablaeuße — Erfahrungen — Ergebnisse* in F. IRSIGLER (ed.), *Quantitative Methoden in der Wirtschafts — und Sozialgeschichte der Vorneuzeit*, Stuttgart 1977.

⁴¹ REINHARD, W. — *Freunde und Kreaturen. «Verflechtung» als Konzept zur Erforschung historischer Führungsgruppen. Römische Oligarchie um 1600*, München 1979.

⁴² WEBER, W. — *Die Priester der Klio. Historisch-sozialwissenschaftliche Studien zur Herkunft und Karriere deutscher Historiker und zur Geschichte der Geschichtswissenschaft 1800-1970*, Bern 1984.

usar, ao menos provisoriamente, a tradução portuguesa de «Entrelaçamento». Segundo ele «Os grupos dominantes não são constituídos em primeiro lugar através de características sociais semelhantes dos seus membros, e sim através do entrelaçamento social desses membros, porque através desse entrelaçamento é possibilitada, melhorada e canalizada a interacção. «Constituir» quer dizer tanto «recrutar» como também «integrar». Ou seja, formulado inversamente: uma oligarquia não necessita de nenhum grupo social como substrato, basta-lhe o entrelaçamento dos seus membros»⁴³.

O sociólogo americano Jakob L. Moreno⁴⁴ elaborou em 1934 diagramas para esquematizar as relações entre membros de um grupo: simbolizando-os por pontos e ligando esses pontos por traços que representam essas relações, obtém-se o chamado «sociograma». Mas se o número de membros e relações entre eles for grande, a esquematização beneficia se for utilizado outro tipo de diagrama em rede, a chamada «sociomatriz». De ambos daremos exemplos mais adiante.

O conceito de «network» acima mencionado foi pela primeira vez utilizado em 1940, pelo sociólogo, melhor dizendo sócio-antropólogo Radcliffe-Brown⁴⁵, que define a estrutura de uma sociedade, objecto de estudo da sua ciência, como a «network» (rede) de relações entre as pessoas, relações essas que, em regra, são determinadas por interesses. Adrian C. Meyer⁴⁶, no sentido de evitar a intrincada rede de relações possíveis entre um grupo de pessoas, isola aquelas que se verificam entre uma personalidade central, a que chama «ego», e aqueles com ela relacionados, que designa por «set». No sociograma correspondente poder-se-ão depois exprimir geometricamente várias características, tais como distância, densidade, grau, etc.⁴⁷.

Aplicando estes conceitos da sociologia à investigação histórica, Reinhard tenta delimitar os tipos de relacionamento que podem existir entre um «ego» e o seu «set». São eles parentesco, comum origem geográfica, amizade e patrocínio ou patronagem (utiliza o galicismo «Patronage»). Exemplifica, utilizando-os depois na análise dos entrelaçamentos na Cúria Romana por volta de 1600⁴⁸, que constituía

⁴³ REINHARD, W. — op. cit., p. 19.

⁴⁴ MORENO, J.L. — *Who shall survive*, Washington 1934.

⁴⁵ RADCLIFFE-BROWN, A.R. — *On social structure* in «Journal of the Royal Anthropological Society of Great Britain and Ireland», No. 70, 1940.

⁴⁶ MAYER, A.C. — *The significance of quasi-groups in the study of complex societies* in S. Leinhardt (ed.) *Social networks. A developing Paradigm*, New York, 1977.

⁴⁷ REINHARD, W. — *O.c.*, pp. 24 a 32.

⁴⁸ Idem — *O. c.*, pp. 45 a 77.

como já se disse o objecto do seu trabalho de agregação. Para não nos afastarmos do tema deste nosso, passaremos a referir-nos a outra publicação de Reinhard, realizada posteriormente.

A fundação de Munique, Historischen Kollegs, promoveu em 1984 um colóquio sobre Clientelismo na Europa da Alta Idade Moderna; a contribuição do Professor Reinhard para este colóquio intitula-se apropriadamente «Entrelaçamento oligárquico e confissão religiosa nas cidades da Alemanha Meridional»⁴⁹. Faz o ponto da situação do trabalho realizado em Augsburg ao abrigo do financiamento da DFG atrás mencionado: são duas as monografias concretizadas — as teses de doutoramento já mencionadas, de Wolfgang Schütze e Katarina Sieh-Burens, respectivamente sobre Ravensburg e Augsburg. Schütze reuniu um catálogo prosopográfico dos membros do conselho municipal da cidade, mas elaborou também sociomatrizes das famílias que tiveram assento nele.

Temos assim duas sociomatrizes que é interessante comparar: a primeira é a elaborada por Schütze para as 40 famílias que no período de 1500-1660 tiveram membros no conselho municipal de Ravensburg⁵⁰. A segunda foi elaborada pelo autor destas linhas a partir dos elementos divulgados na sua tese de mestrado⁵¹ para as curiosamente também 40 famílias que no período de 1500-1580 deram «oficiais» ao senado portuense. Claro que não dispendo dos mesmos elementos para 1580-1660, é impossível comparar relativamente ao Porto se a uniformidade e a impermeabilidade do senado a novas famílias foi semelhante a Augsburg. Por outro lado a reforma alemã dos forais por Carlos V, em 1548, veio como já se referiu devolver o poder ao patriciado; ora a relação entre o patriciado e os 48 no Porto teve uma evolução e característica diferentes das cidades imperiais alemãs.

Mas já o entrelaçamento esquematizado em ambas as matrizes pode-se comparar matematicamente: atendendo a que os pontos negros em cada triângulo que a diagonal divide representam as ligações matrimoniais entre as 40 famílias, temos para Ravensburg 90 ligações, e para o Porto 63. Atendendo a que para o Porto se está a considerar um período correspondente só à primeira metade do coberto para Ravensburg, parece o «entrelaçamento por parentesco» ser 1/3 mais intensivo no Porto que

⁴⁹ Idem — *Oligarchische Verflechtung und Konfession in oberdeutschen Staedten* in Antoni Maczak (ed.) *Klientelsysteme im Europa der frühen Neuzeit*, München 1988.

⁵⁰ SCHÜTZE, W. — *O.c.*, citado por REINHARD, W., *Oligarchische Verflechtung...*, op. cit., p. 54 — Fig. 2.

⁵¹ BRITO, A.P. da C.M., — *O.c.*, — Fig. 2.

na cidade alemã. Há que ter em conta que estas sociomatrizes não indicam os casos em que houve mais do que um casamento entre duas famílias. Ora pelo menos para o Porto sabemos acontecer isso relativamente a várias das indicadas. De qualquer forma parece-nos que este tipo de diagrama, se elaborado para várias cidades portuguesas relativamente ao mesmo período, permitiria comparar a coesão social do seu patriciado.

Para Augsburg, Katarina Sieh-Burens construiu um sociograma, não de indivíduos, mas de famílias⁵². Podemos compará-lo com o por nós construído para o Porto na tese mencionada⁵³; foi este, puro resultado de intuição, pois na altura não tínhamos qualquer conhecimento dos trabalhos quer do Professor Reinhard, quer da Doutora Sieh-Burens. É o nosso assim um sociograma algo grosseiro, ao qual tentamos na altura acrescentar mais informação decompondo-o em outros, um para cada família estudada. Se para Augsburg Katarina Sieh-Burens detecta 4 «redes» de poder, praticamente independentes umas das outras, a dos Welser, a dos Fugger, a dos Herbrot e dos Seitz⁵⁴, para o Porto poder-se-iam estudar aquelas que se parecem detectar: a dos Carneiros, a dos Brandões Sanches, a dos Leites e a dos Figueiroas-Madureiras. Não se teve isso em mente ao compor a citada tese, mas há fontes suficientes, e seria certamente interessante determinar os jogos de forças na cidade. Outro motor de entrelaçamento que a historiadora de Augsburg determina, é a vizinhança⁵⁵. Também para o Porto, independentemente de ainda não se dispor duma planta minuciosa para a cidade nessa época, há fontes suficientes para um estudo da influência da vizinhança na constituição de «redes» de poder.

4 — Conclusão

Mas haverá alguma vantagem em comparar estudos do patriciado alemão quinhentista com estudos do nosso? Trata-se de facto de ambientes diferentes, que tiveram evoluções históricas diferentes.

De facto tiveram: Portugal declinou para a cauda da Europa, a Alemanha avançou para a sua vanguarda. A economia portuguesa não tem significado; a economia alemã é a primeira da Europa e na sua origem está claramente o patriciado urbano. Se estudar o passado nos ajudar a compreender o presente⁵⁶, então a justificação está dada.

⁵² SIEH-BURENS, K. — *O.c.*, p. 131 — Fig. 3.

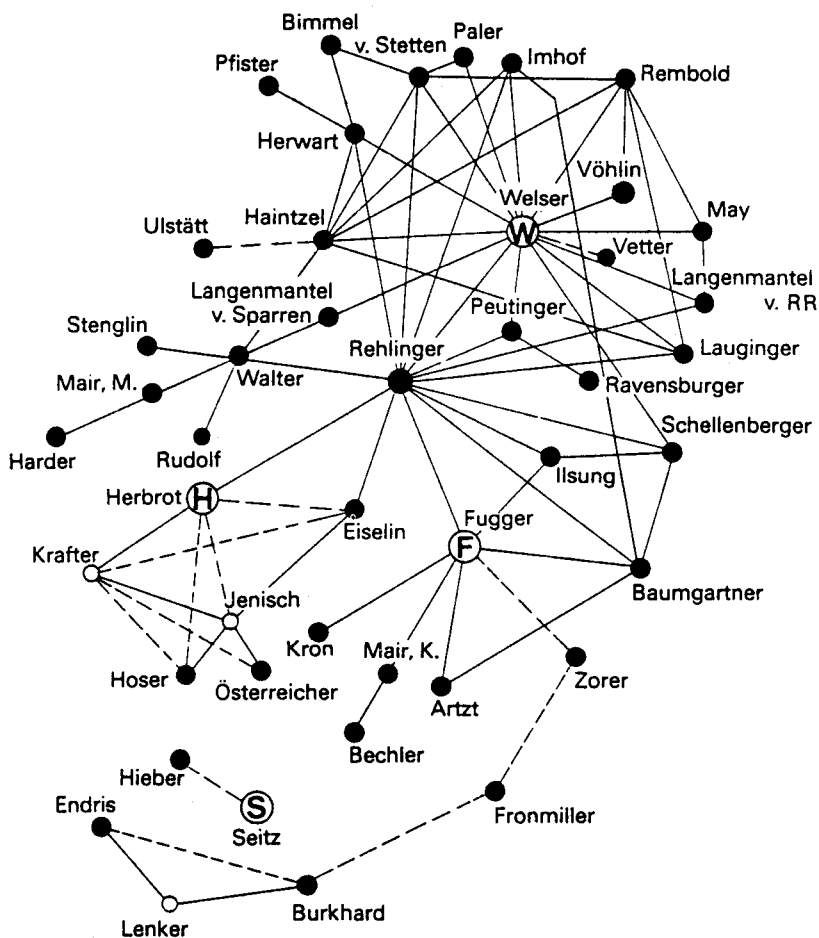
⁵³ BRITO, A.P. da C.M. — *O.c.*, p. 13.^a — Fig. 4.

⁵⁴ SIEH-BURENS, K., *op. cit.*, pp. 74 a 132.

⁵⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 125.

⁵⁶ BLOCH, M. — *Apologie pour l'histoire*, 7.^a ed., Paris 1974, pp. 44 ss.

Quanto aos fins. E quanto aos meios? As fontes parecem ser em geral semelhantes: genealogias, registos paroquiais, fundos dos arquivos municipais — actas de vereações, livros de impostos, etc. A experiência é, como julgamos ter demonstrado, das mais vastas, se não a mais vasta entre as historiografias europeias. Desenvolveram-se métodos de interpretação e estruturação de trabalho que, como o de Reinhard, são perfeitamente originais. Parece-nos assim que quem se quizer dedicar ao estudo do patriciado urbano português, não pode ignorar o que se está a fazer na Alemanha, e apraz-nos por isso ter tido esta ocasião de o noticiar.



- Família c/ burgomestre
- Família s/ burgomestre
- Relações de um só tipo
- Relações de vários tipos (Entrelaçamento familiar e de parentesco, e pelo menos um da categoria de interação legal ou relação económica)

Fig. 3 — Entrelaçamento social da oligarquia de Augsburg
(seg. K. Sieh-Burens, op. cit., p. 131)

Mapa da cidade de Augsburg, seg. Detlev Schroeder, Munique 1975

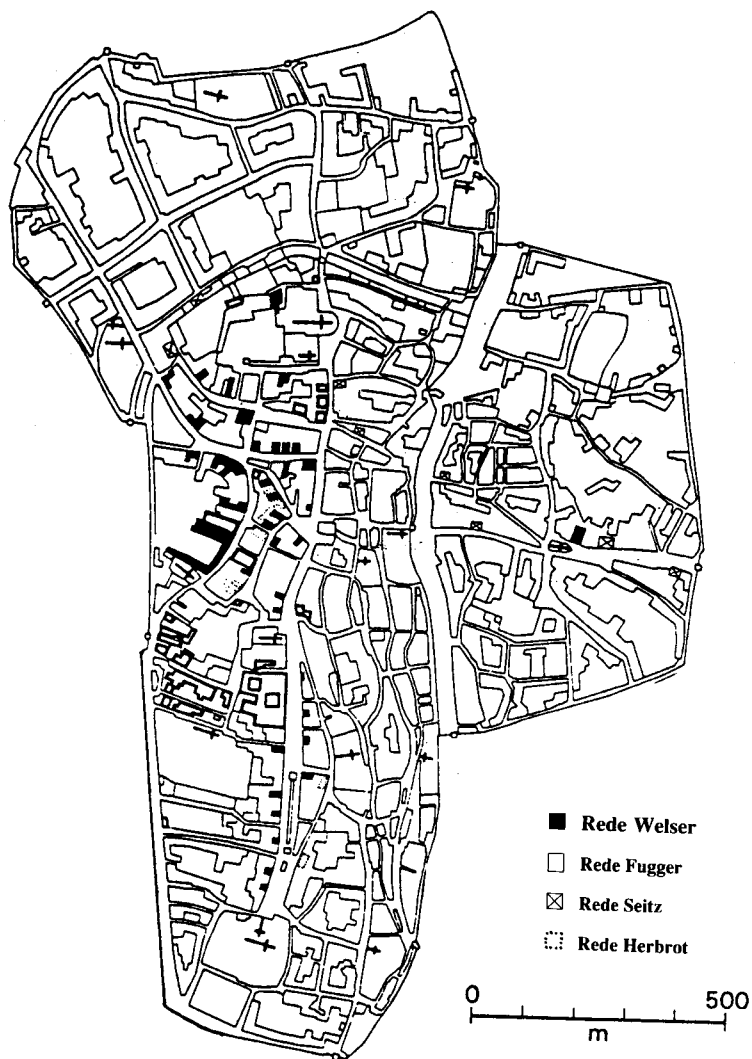


Fig. 5 — Localização topográfica das residências da oligarquia
(seg. K. Sieh-Burens, op. cit., p. 125)